

RENOVAÇÃO



NÚMERO 14

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beza — R. da Rosa, 99 a 107*
Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* — Telefone: *Trindade 5 3 9*

SUMARIO do numero anterior:

A FESTA DA FAMILIA (com gravuras) — HOMENS E FACTOS: YVETOT POUGET, GRIFFUELHES (com retrato) por *Nogueira de Brito* — NATAL SEM PÃO E SEM LIBERDADE (com gravuras) por *Ferreira de Castro* — AS UNIVERSIDADES POPULARES, por *José Carlos de Souza* — O BALANÇO DUM ANO QUE NÃO TEVE JUÍZO NENHUM (com gravuras) — QUE É O FASCISMO (com gravuras) — O PRESTAMISTA, conto de *Eduardo Frias* com ilustração de *Roberto Nobre* — O MUNDO CURIOSO — ACTUALIDADES: A greve corticeira de *Silves*; Morte de *Pablo Iglesias*; Contra as deportações; Os herois ignorados — NOTA DE ARTE: Paisagem de *Eduardo Navarro* (Espanha) — CAPA: de *Stuart de Carvalhais*.

Ano I—Numero 14

Lisboa, 15 de Janeiro de 1926

NUMERO 14

Renovação

PERFIS DE REBELDES

O camarada Jourde, o financeiro da Comuna

Gravemente os regentes do Banco de França receberam os delegados da Comuna recém-proclamada.

Os homens inimigos do capital iam entrar, senhores duma grande força, nos domínios do dinheiro, na catedral dos milhões.

Sonoraram os seus passos nos corredores sob os quais os subterrâneos armazenavam barricas de oiro, e as caixas fortes, do tamanho de barracas de pobres, se atu-



Paris era da Comuna

lhavam de pedrarias. Os empregados viam passar os delegados dos comunistas e lançavam-lhes olhares de odio porque quasi nunca os que servem de perto os grandes ricos, amam de fundo amor, os pobres como eles.

Os regentes mandaram entrar os revolucionarios para o salão luxuoso e um continuo, de cadeia de prata ao pescoço, annunciou-os como personagens: «os senhores Varlin, Bielloray, Martier, Proudhome, Josselin, Rousseau, Audignauxe, Gaubier, Arnaud, Assi e Jourde». Um mau encadernador, o primeiro, pessimo pintor, o segundo, e os outros caixeiros, um porteiro, um negociante de vinhos, e até um magnetizador, o chamado Arnaud. Assi

era mecânico; Jourde, François Jourde, era contabilista, o unico do officio que ali estava defrontando os ricos. Jamais ar tão modesto fôra arvorado por um vencedor — porque, de verdade, a Comuna vencera e os que o acompanhavam tratavam-no como um chefe.

Eles vinham pedir o dinheiro sobre o que o Banco de França devia à cidade de Paris. Eram os representantes da capital caída em seu poder pela revolução armada, diante dos alemães invasores, enquanto em Versailles os generais de Bonaparte, se diziam republicanos, como Thiers, ministro de Luis Filipe, e os tratavam de bandidos, a eles, povo, operários, a maioria filiada na *Internacional*. Paris era seu; queriam dinheiro sobre a quantia de 8 milhões ali depositados.

— 8.826.860 francos — emendou a voz calma, correcta, do guarda-livros Jourde e para ele se voltou o senhor Rouland, regente do Banco, com maior deferência, mas negando-lhe a entrega desse depósito.

Magro, pálido, de cabelos compridos, mais do que modestamente vestido, o delegado da Comuna, junto do Banco de França, não se exaltou. Até conteve a cólera dos camaradas excitados e, docemente, quasi, no tom persuasivo de quem narra o irremediável, mostrou as vantagens do Banco em ceder o dinheiro: Paris estava em armas; cento e cincoenta mil federados esperavam o seu soldo. O Comité Central não possuía a mais insignificante moeda e tornava-se necessário dar de comer aos cidadãos para que eles — possuidores da força e do direito — não fossem buscar o oiro onde ele estava.

O governador franziu o sobrolho, negou-se de novo e Jourde exclamou:

— Não é pelo interesse dos federados que eu aqui estou mas pelo da cidade comunista. Bem sei que não podeis ter simpatia pelo povo, mas salvai os ricos!

Neste momento o regente do Banco de França compreendeu tudo. O guarda-livros acentuou:

— Sobre os 8.826.860 francos que deveis ao povo de Paris precisamos dum milhão...

Com ele se pagariam os soldos; com ele se calariam os rugidos; sem violências se marcharia O milhão foi entregue.

Assim entrou na catedral dos milhões o faminto Jourde, delegado pela Comuna vencedora.

Daí por diante os funcionários viam-no deslisar como uma sombra, mínguido, com os seus cabelos loiros escorridos, a barba em bico, esguia, sem alterações, marchando com os seus sapatos cambados e a andaina pobre. Tinha 28 anos e o grande poder de remexer milhões, todos os milhões da França, que a um gesto seu passariam para sua exclusiva guarda.

Os de Versailles não podiam dispôr dos barris de oiro, dos diamantes, do numerário; Charles Beslay, chamado pelos burgueses «o bom comunista», seria afastado desde

que Jourde quizesse e êle tornar-se-ia o manejador de toda aquela fortuna pública subalternizando os regentes. Para demais tinha planos financeiros e se é fácil a um homem renunciar a um goso material, difficilimo se torna repelir um sonho.

Bem via os empregados armados mas nem reparava nêles, pois, se assim o entendesse, as armas caíriam daquelas mãos. Era o delegado da Comuna e as chaves ser-lhe-iam entregues; occuparia um gabinete magnifico, mandaria desferrolhar os lingates de ouro e os biliões de francos.

Porém êle, sombra apagada, vagueou e não queria mexer nêsse dinheiro senão para pagar as dividas do Estado e só o levava na presença dos seus camaradas.

O revolucionário falava sempre com brandura e quando o seu colega, o encadernador Eugenio Varlin, se excedia achava forma correcta de o desculpar. A sua voz, porém, encontrava vibrações convincentes, e até terríveis, quando defrontava as resistências aos desígnios da obra comunista.

Em nome da ordem pública exigia dinheiro, cento e cincoenta mil, trezentos mil, quinhentos mil francos. Assinava os recibos e bem sabia que, por cada letra traçada, era uma bala que fundia para o fuzilar desde que o seu partido perdesse.

Uma vez os empregados encararam-no com mais atrevimento. Jourde desviou Varlin que se mostrava ameaçador. Apenas murmurou:

— São os parasitas dos ricos!

Nessa tarde, diante dos sete regentes do Banco de França, entre os quais se encontrava Rotschild, falou alto. Thiers queria dinheiro; ordenava que lho levassem e pela fraude, fugindo da Comuna, o governador Rolland e um caixaero, transportaram o que puderam para Versailles, para o campo contrário.

Só no último extremo se concediam francos aos senhores de Paris, e, aquele guarda-livros, de fato rôto, onipotente, que podia mexer em milhões, o delegado das finanças junto do templo da fortuna, trazia as suas contas em dia, mandava os recibos devidamente assinados, fazia os pagamentos, distribuía as quantias, saudava polidamente os directores, deixando-os nos seus logares mas arrancando as verbas indispensáveis como empréstimo ao Estado.

O regente, com o qual se entendia, agora, era o Marquez de Planec, um bretão, grande financeiro e que Beslay não gostava de maguar. Apesar da grande categoria de membro do governo que o «bom comunista» exercia, Jourde não lhe obedecia quando a revolução de fundos. Então chegava, exigia, mostrava os seus planos financeiros. O Banco cobraria os impostos e entregar-lhe-ia já dez milhões de que carecia e discutia, ia até ao seu fim: arrancar o meio milhão indispensável. Então, socega a voz. Moderava-se. Desaparecia. O homem que podia manejar os milhões de Paris ia jantar, por dois francos, a uma tabernoria da rua do Luxemburgo.

Naquella época uma ração em Paris cercado custava os olhos da cara. Os dois francos de Jourde, a cada refeição, constituíam o seu milagre, porque ainda ia buscar a companheira ao lavadouro, no qual nunca deixou de trabalhar, para lhe fazer participar da sua comida. O filho andava na escola dos pobres.

Ao mesmo tempo havia quem comesse trufas e bebesse champagne, enchesse os uniformes de galões, não pudesse deixar a carruagem e as requisições abundavam; os governos pandegavam, esperando a morte. Os altos funcionários não ganhavam mais de 500 francos por mês, mas Latappy gastou, em oito dias, nos luxos dos banquetes, 4.896 francos e os jantares de Duval e Rigault nunca custavam menos de 200 francos. Desde 16 de abril a 22 de maio, a despeza de Jourde foi de 224 francos, num tempo em que um arratel de carne custava 10 francos.

A' noite, quando as tropas acampavam junto das fogueiras e um halo de guerra, de patuscada, de amor e medo subia sobre Paris, o delegado das finanças da Co-

muna sentava-se no canto da sua mesa a fazer as contas do seu dia ao lado do prato onde comera o seu magro bocado de salsicha, fabricada Deus sabe de quê.

Lá em baixo, na rua Vrillière, o Banco de França, junto do qual era o delegado, o onipotente, estava em paz com as suas caixas, com os seus subterrâneos, os seus cofres atulhados de ouro em barra, amoadado e de joias que o terror ali fizera guardar.

Ele sabia-o e era sempre a mesma sombra pálida, o mesmo desbotado vulto conduzindo um sonho.

Havia mais idealistas como Jourde mas entre a população; uma raça sonhadora despertara ao som dos canhões dos republicanos quando os incêndios devastavam Paris. Eram aqueles homens pálidos, de grandes cabeleiras e enormes barbas, com uns ares doces de apóstolos, que pasmavam porque os soldados — filhos do trabalho — tomavam as armas para os fuzilar contra os muros.

Se tinham querido dar ao povo o bem que era dêle!...

Jourde, apesar da sua bondade, não encontrou por parte dos regentes do Banco de França a protecção gera-



Aqueles homens pálidos...

dora da salvação de Beslay. Vagueou uma noite entre os escombros, fugitivo, torturado, e procurou um abrigo. O camarada tropeiro das barreiras, ao qual se dirigiu, ameaçou denunciá-lo. Num hotelito olharam-no desconfiadamente: atirou-se para cima dum leito e dormiu. Depois andou quinze dias como uma peça de caça seguida pelos caçadores. Roeu folhas mortas, dormiu debaixo de arvores e sob as pontes, errou pelos arrabaldes e acabou por ser preso, mostrando, entre os guardas nacionais furiosos, a mesma impassibilidade de sombra.

Era Jourde, o famoso delegado das finanças da Comuna, junto do Banco de França, e que guardara de seu apenas cento e vinte francos! Era Jourde!

Soltaram-se gritos de alegria; amarraram-no, atiraram-no para a prisão de Luxemburgo à espera do conselho de guerra, escapa do fuzilamento, porque nessa república, que nascia diante de Paris incendiado e com os prussianos às portas da capital reconquistada, ao cabo de oito dias de execuções, não se deportava — como hoje em Portugal — sem julgamento.

Pelas grades do Luxemburgo, Jourde via a taberna onde ia comer a dois francos cada refeição, quando tinha nas mãos a sorte do Banco de França; e não se lamentava, sofria, caído do poder, que não gosara, como desfeito dum sonho singular.

Rocha Martins

A ODISSEIA DUM VAGABUNDO

Toda a gente conhece em Marvila o tio Isidro. Chama-se Manuel Gonçalves Isidro, e mora numa cova, verdadeira toca de lobo, coberta com um alpendre de lata mais baixo, que um casinhoto de um cão de guarda.

Uma destas tardes fomos lá ve-lo, e falar-lhe, como se fossemos avistarmos com a encarnação da miséria, aureolando uma altivez de vagabundo gorkiano. A casa fica próxima da estação de Marvila, perdida numa quinta.

— Tio Isidro. Disseram-me que o senhor tem uma vida que dava para um grande romance cheio de imensas desgraças.

— Ora como eu, ha muita gente por esse mundo, sofrendo sem eira nem beira...

— Mas você tem boa cara...

— Pudera! Como é que o diabo podia dar comigo aqui... Estou tão escondido que não pode haver mal que me chegue... Pelo contrario.

— Então é você muito feliz...

— Não é nada disso. Você está a desconversar... Quando tenho de comer, os gatos aparecem ao pé de mim, distraio-me um bocado com eles. São meus amigos. E os ratos também... Tenho aí um desses marotos que á

noite trepa por mim acima para me chegar á cara, e dar-me uma beijoca, o alma do diabo. Gosta de mim, o que é que você quer? E eu pago-lhe na mesma moeda. Tenho aí noites que é um verdadeiro pagode com eles.

— E que idade tem, tio Isidro?

— Eu?... devo andar proximo dos sessenta e seis, mas não vá o senhor regular-se por isso...

— Então você tem duas idades?

— Sabe lá... Tenho mudado mais vezes de pele.

— Então o amigo é como as cobras?

— Peor. As cobras largam a pele de muito boa vontade. A nós, arrancam-na á força, e ás vezes, como tem acontecido comigo, somos nós mesmo que a tiramos de cima do lombo, com as unhas.

— Vocês?

— Sim! Mas veja lá se fica agora aí de boca aberta.

Somos nós, está claro que sim, quando nos coçamos com a sarna ou então é no trabalho... Vamos a carregar 'um caixote, e lá vai um pedaço de pele, olé; esfoladinho que nem um coelho.



Mora numa cova, verdadeira toca do lobo ..

— Você já andou a carregar?

— Tenho feito tudo... Tenho sido tudo, até roubado.

— Já o roubaram então? Quem?

— Os armadores de pesca. Já andei embarcado. Eu era do mar. Carregava, pescava, e neste intermeio eles roubavam-me. Um dia aborreceu-me de conhecer tanto malandro, e fui-me embora, antes que desse cabo de algum e fosse parar á cadeia, e paga-los por bons... Onde me me dei melhor, foi em Africa com os pretos... Já lá andei todo nú, entre eles, porque um amigo branco julgava que eu era preto, e roubou-me o fato... Os pretos é que me valeram... Bem arrependido estou de os ter deixado. Uma vez tomaram-me por feiticeiro, traziam-me nas palminhas, arranjaram-me tudo, e eu... A gente nunca está bem... Apanhei-me servido, e mandei-os á fava. Se lá tenho ficado, era capaz de ser hoje o rei deles...

— Você rei: havia de ter graça...

E diga-me uma coisa. Qual foi então o dia em que você se sentiu mais desgraçado?

— Eu? Fui num dia em que já tinha na cabeça algumas brancas, e me fartei de chorar.

— Não tinha que comer...

— Isso é o que menos me rala. A gente acostuma-se a tudo.

— Então!

— Foi um dia, eu, que já tinha sido marinho, e estive quasi a morrer afogado e mais um velhote ali de baixo.

— Onde?

— Aqui.

— Conta lá isso tio Izidro...

— Uma noite choveu tanto, que tudo isto aqui em volta era um perfeito rio. O senhor está a ver. Aqui onde durmo é como se fosse a toca dum lobo. As aguas entraram por aqui dentro, e não lhe conto nada: Nesse dia não tinha arranjado nada para comer. Já o senhor faz ideia, que tal era o sono que eu tinha. A cova encheu-se de agua, e eu não havia maneira de acordar.

Por fim, com mil diabos, lá abri os olhos, e lá saltei para fora como poudes, mas muito atrapalhado. Nunca me vi tão aflito...

A toda essa gente por ali acima, lhe succedeu quasi o mesmo. Os que não moram em covas, teem um de nonio dumas casas, que parecem que moram dentro duns cestos. Chove lá dentro como na rua, e ainda por cima teem de andar de cara alegre, senão...

— O que é que lhes succede?

— Ficam sem casa...

— Estão por esmola...

— Qual esmola. Bem se vê que o senhor não percebe nada disto. Pagam a sua renda como uns catitas.

— Bom mas é uma renda em conta... O tio Isidro põe-se a assobiar, muito satisfeito de si, como quem está da posse de um importante seguro. Passa por nós uma pobre velhota se-

guida por duas creanças. Ao ver ao grupo, tio Izidro chama-a para junto de nós.

— Faça favor de dizer a este senhor quanto é que vocemecê paga pelo seu cortiço.

— Eu!... Oitenta mil réis...

O tio deixou ver uns belos dentes numa gargalhada, e sibilino, num tom profético em que baila a despreocupação e a ironia das grandes desgraças, remata:

— Está claro... Oitenta mil réis, um pedaço de terra, que...

— Qual pedaço de terra, homens? — interrompe a velhota.

— Aquele onde você põe os seus haveres. O caso chega-lhe para tudo... Isto claro que não.

— Tem razão tio Izidro!... O tio Izidro tem muita razão... Mas quasi que não cabemos lá dentro... Mas o que havemos nós de fazer? Afastou-se, a pobre velhota, coxeando, aos ais.

O tio Izidro explica:

— Coitada! Vai atrapalhada, quasi se não pode mexer com o reumatismo... Em casa chove como na rua... Olhe que é uma grande patifaria dos senhorios... E' por estas e por outras que eu vivo cá a meu modo, fora de tudo, sem dar razões a ninguém. Não sei entender-me com estas coisas, e um dia fazia asneira... Pode lá a gente encarar com as poucas vergonhas que ahí se fazem... Por isso eu... E' como o senhor vê. Um buraco, muito escondido, e não quero nada senão com os gatos. Não sei entender-me com mais ninguém... E olhe que é por isso que eu estou rijo, aqui onde me vê, com sessenta e tais anos...

— Tem passado das boas...

— Você faz lá ideia. — Olhe!

Tenho matado mais bichos...

— Em Africa?

— Não!... — Homem! Bichos do corpo...

A's vezes apanham-me na baixa e ferram comigo no calabouço. Aquilo é uma porcaria. Aqui não senhor. Pode vir cá dentro, que isto está tão asseadinho como um navio. Depois os ratos ajudam-me a limpar isto... São meus amigos, o diabo dos ratos... Olhe! Agora vou eu, até ao mercado da Ribeira Nova, ver se arranjo por lá uns talos de couve, e se pesco alguma enguia. Ainda tenho af linhas... Lá pedir não peço e não roubo nada a ninguém... A mulher-sinha que ia morrendo afogada comigo, mora lá em cima... Vá até lá, e fale com ela, e se poder dê-lhe alguma coisa para ela arranjar o seu cafézinho... Eu vou-me embora... Até depois... Nada!... Não senhor... Não aceito nada... Dê á velhota... Eu tenho boas pernas, e cá me sei arranjar... Até depois...

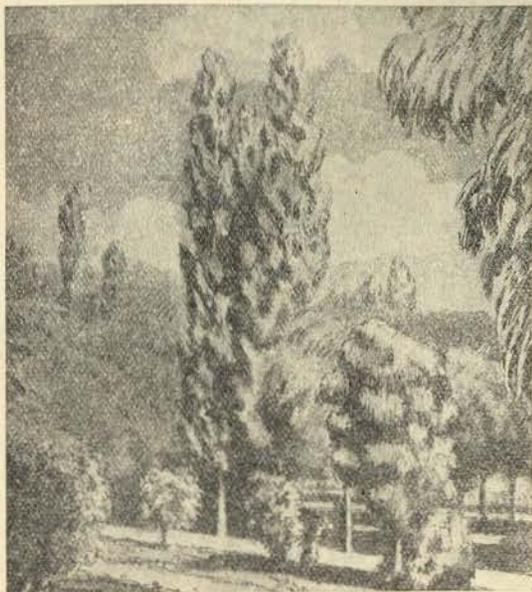
Uma cousa louca e que descobre a nossa pequenez, é a subserviência ás modas quando se trata do que respeita ao gosto, ao viver, á saúde e á consciencia.

LA BRUYÈRE

Os efeitos morais do forno crematório

A ideia do forno crematorio, que só agora tem realidade, appareceu em Portugal entre ideias revolucionárias.

Os republicanos defendiam a cremação — e



Os ciprestes dão-nos a triste ideia de necropoles...

apregoavam-na no tempo em que na ideia republicana havia ainda algum idealismo, no tempo em que os adeptos da república não viviam nesse charco de interesses, de delapidações, de

falcatruas, de perseguição a tudo que é livre, em que vivem desde que se implantou o actual regimen.

O forno crematório era uma manifestação de progresso — e os republicanos defendiam-na, ao contrário que fazem hoje para tudo que signifique avanço social.

Muitos anos, porém, se passaram antes que o forno crematório tivesse existência em Portugal.

Mas agora que ele existe, sempre dum e doutro lado o panico, pois a maioria espera sentir ainda depois de morta, a inevitavel cremação.

Para muitos o forno crematório é assim como a ante-câmara do inferno e procuram fugir-lhe com o corpo, como o diabo foge da cruz... Isto para empregar uma expressão católica...

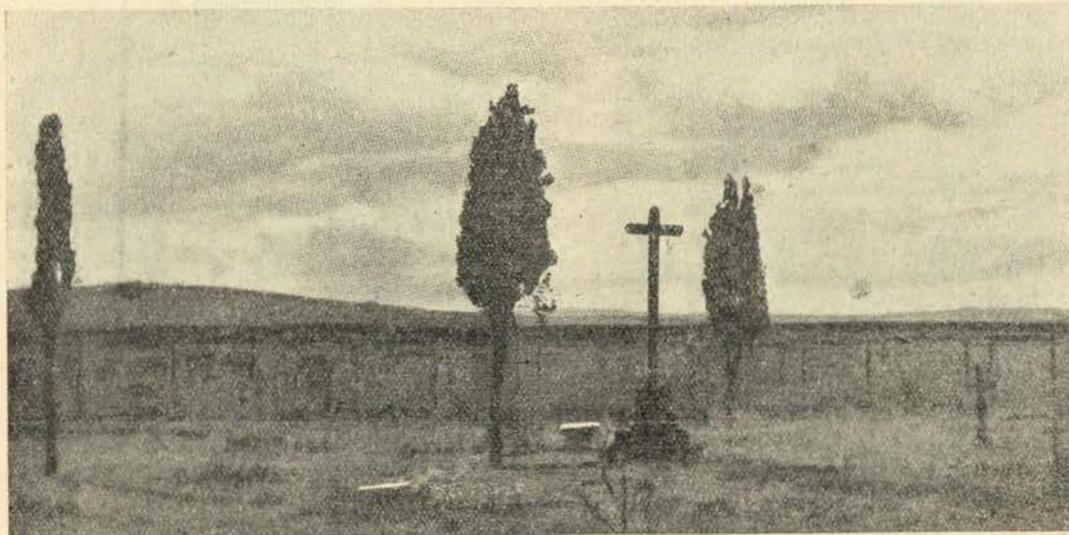
Outros veem no forno crematório um motivo de atitude de heroismo póstumo — e vá de deixar disposições para serem queimados...

Uns e outros estão fora do acto normal que a cremação dentro em pouco virá a ser em Portugal e hoje já é em alguns países.

O forno crematório em poucos anos passará a ser um lugar-comum — tão comum como são hoje os sete palmos de terra que temos num cemitério.

Quem, na nossa época, se horrorisa com a ideia de não ser enterrado dentro duma igreja?

Pois ainda no século passado, depois de se ter eliminado dos templos a faculdade de sepultura, gente havia que receiava não ir para o céu pelo facto do seu cadaver não ficar dentro da egreja, sob os pés de todos que fossem assistir ás farças das cerimonias religiosas.



Os nossos cemiterios perpetuam o culto da morte...

Mas isso passou e o horror que hoje inspira o forno crematório ha de passar tambem.

Em países não mais adiantados do que Portugal, a cremação é um facto normal — que se tem algum valor alem do higiênico, como no



O primeiro cadáver que se incinerou no forno crematorio do Alto de S. João

Japão, foi o de dar a Wenceslau de Moraes assunto para algumas páginas admiráveis.

Mas alguns portugueses ha que em questões de tradicionalismo são piores do que os japoneses, muito piores, pois estes quando necessitaram dos recursos da civilização europea, não tiveram duvida alguma em adoptal-os.

Grande parte dos portugueses vive para um saudosismo doentio, para um culto exagerado dos mortos, que na nossa época não se justifica.

Miguel de Unanimo tem muita razão quando afirma que Portugal é um país de suicidas, país de gente triste...

E a morte, depois do triunfo do cristianismo, foi sempre um motivo de tristesa.

Os cristãos nunca souberam morrer com a belesa dos pagãos. Mesmo quando se submetiam á morte, faziam-no com desolada resignação: — morriam como escravos...

Depois, o culto dos mortos entenebrece o espírito dos vivos. Ora, na nossa epoca, em que tombam as ultimas superstições, as ultimas crenças no Alem, não se pode ter da morte o sentido religioso que tinham os nossos antepassados, envoltos em denso fanatismo.

Todavia os nossos cemiterios perpetuam o culto da morte. E neles se criou já uma scenografia a proposito: os marmores, as coroas funebres, as rosas tristes e os ciprestes, esguios e vigilantes, como sentinelas da Eternidade.

E estamos tão imersos em sensações fei-

tas, que ligamos já ao cipreste, de tão belo recorte decorativo, uma ideia mortuaria.

E assim ha jardins em Italia, jardins em Espanha e no norte da França, que adoptando o cipreste a dentro de seus muros, dão-nos a triste ideia de que não se trata de jardins mas sim de velhas necropoleles.

E' necessario, porem, que se liberte o marmore e o cipreste dessa obsessão que enluta a vida. «E' tempo já de se fazer o enterro do cipreste», como disse, com muita propriedade, uma humorista.

O forno crematorio vem apressar isso — vem apressar a morte do culto dos mortos...

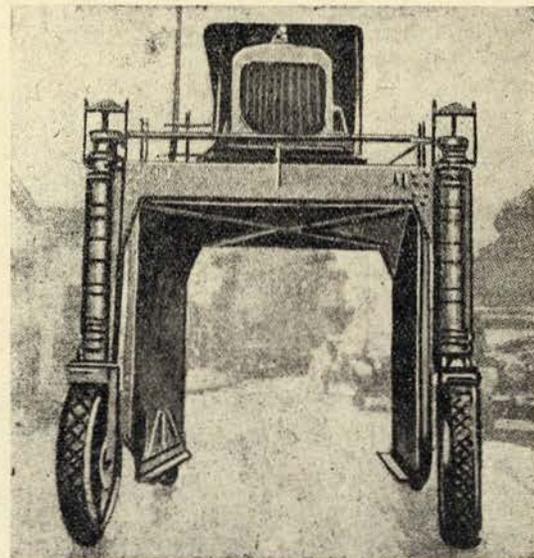
E' pratico, higienico e está conforme as teorias da nossa epoca sobre a vida e sobre a morte.

O seu efeito moral será tambem consideravel, pois facilitará o espírito a libertar-se de inuteis fantasmas — de hipoteticos, de inverosimeis espectros.

Esse tragico simbolo da morte, que é um esqueleto, deixará tambem de existir.

Cinzas, cinzas... Uma recordação — e a Vida a seguir a sua rota interminavel.

Os progressos da industria



Recentemente inventou-se uma maquina para facilitar a manipulação e transferencia de objectos peizados, tais como troncos de arvores, colunas metalicas, etc.

O COMÉRCIO AMBULANTE

SEUS ASPECTOS HIGIÉNICOS E AGRADÁVEIS NAS GRANDES CIDADES.

SEUS ASPECTOS MISERÁVEIS E SUJOS NA PÁTRIA DOS LISBOETAS.

Em meio da febril e agitada vida de uma grande cidade, o comércio ambulante destaca-se pelos seus aspectos originais e bem populares, oferecendo aos transeuntes preocupados a rápida aquisição de pequeninas cousas de grande utilidade e também aos passeantes descuidados



Vendedor de refrescos em motocicleta 33

distracções frívolas e caprichosas. E é nas praças publicas das cidades capitais, diante de lojinhas isoladas, em meio do deslizar vertiginoso de pessoas e carros, que a fantasia revolucionaria de qualquer pode apreender a visão de uma sociedade em regime comunista e livre, de uma sociedade que se fundasse na ajuda mútua, na rápida satisfação de exigencias apressadas.

Na nossa idade, o que pode justificar o comércio ambulante é a impaciencia que nos domina, é a actividade que nos torna meteoricos, é, enfim, a realidade desse proverbio inglês que nos aconselha sensatamente a não perdermos um minuto, sequer, para boa defesa dos nossos interesses. O equilibrio economico, sabem-no burgueses e proletarios, tornou-se definitivamente um aspecto imperioso e urgente desta grave questão social em que todos nos debatemos.

E o comércio ambulante, alem de nos facultar a compra, às vezes, por menor preço, e sem nos apartarmos de occupações, daquilo que imediatamente precisamos, tem para nós, revolucionarios intransigentes, uma faceta simpatica. E' que neste comércio se empregam pessoas modestas, às quais os azares da vida e causas que nunca devemos aprofundar, não puderam garantir o exercicio de uma profissão, e a inexistencia de uma herança de bens acumulados sem proveito para ninguem, ou de qualquer destes negocios que requerem audacia e insensibilidade, impediram a reunião de capital financeiro para montar um estabelecimento.

A gente que viaja nota, nas grandes cidades do estrangeiro — se bem que Portugal não tenha uma grande cidade... — o desenvolvimento e o espirito de civilização do comércio ambulante. A fantasia, o desejo de atrair, o bom gosto e os cuidados higienicos, tudo reunido numa traquitana que faz sorrir um artista e dá alegria a um folgazão, inculca uma desinteressada confiança no publico, que, ao comprar, não tem uma palavra inquiridora da qualidade e da origem do produto.

Em Paris, a feia cidade que a tantos de nós empolga como certas mulheres de deficiente beleza e demasia de encantos, é simplesmente prodigioso o genio inventivo de quem tem urgencia em viver. O testemunho de certos artistas portugueses que já lá esiveiram nos comprovará se exageramos. A todo o instante, o turista, o estrangeiro, o provinciano, se detem na observação de estabelecimentos que cruzam as suas, sobre carrocinhas, ou que pousam nos recantos de uma praça, chamando o transeunte à aquisição de livros, flôres, quadros de arte, bugingangas varias e caprichos, exquisitos — e também de conserva portuguesa, consoante nos narrou um architecto contemporaneo...

Nas populosas cidades da Alemanha, os estabelecimentos ambulantes oferecem-nos os aspectos mais graciosos e descontraídos. Em Berlim ha de tudo, para todos os gostos e para todas as exigencias. Desde o pequenino sorveteiro até à mais complicada armação de refrescos, desde o modesto engraxador à mais emaranhada quinquilharia, o comprador que passa encontra com que matar necessidades.

Assim, em tantas cidades, algumas delas verdadeiras metropoles, o comércio ambulante desenvolve-se, livre de perseguições policiaes e de pesadas contribuições, entregue ao seu proprio destino, dando às ruas aspectos festivos, agradaveis e frescos. E nessas cidades, a mendicidade não existe, os furtos não são frequentes, porque as



Engraxadores ambulantes em Berlim



Um estanco ambulante em Berlim

peçoas sem recursos abandonam expedientes de ocasião e, em completa liberdade, lançam-se em negocios de pequena utilidade, sem pavor ao fisco do Estado, do municipio ou da policia, porque esse fisco não se exerce.

E porque não é assim em Lisboa? Dir-se hia que a capital portuguesa, a ganhar hoje aspectos de civilização, não quer apagar a sua feição de cidade asiatica — sim, o azar é o factor arbitrario da vida lisboeta — cheia de vadios e policias, mercadores e mendigos, soldados e meretrizes — moderna estrada de Damasco... Não existe seguramente um commercio ambulante, mas um cardume de vendilhões impertinentes. Nada existe de atractivo, fantasioso, higienico, nem — consequencia logica — existe a confiança sorridente do que vem a passar.

A sujidade, o mau humor, o desprezo por quem compra, são as regras comerciais dos vendilhões. Os quiosques de jornais e refrescos e tabacos parecem caixotes enormes abandonados numa praça. Os lugares de venda são unicamente pequenas desagregações dessa feira da ladra que no Campo de Santa Clara se reúne duas vezes por semana e parece um bazar turco. O commercio ambulante entre nós tem realmente caracter próprio — o caracter proprio de mendigos e vagabundos.

Por aqui e por ali, mulherzinhas silenciosas e misantropas pousam sobre um banco de cozinha um cabaz de braço, que contem uns doces decómpostos e peganhentos, que as moscas logo assaltam, à compita, enquanto ela se senta ao lado, na beira do passeio, tomada de sonolencia.

Depois, vêm uns pequenos engraxadores, expressões garotas, simpaticas, mas frias e suplicantes, a sobressaírem de uma indumentaria original e arruinada; cauteleiros corpulentos pretendendo forçosamente que o passeante, sempre irritado, sempre melancolico, lhe favoreça o lucro da sua gritaria; um vendedor de bugigangas procura refinar o espirito bem popular do seu pregão; finalmente, um outro vendedor de gelados assenta no empedrado uma sorveteira imunda, que mata a sede ao transeunte apenas com a desagradavel perspectiva de um intoxicamento subito...

E um policia, que surge repentinamente ao fundo da praça, faz dispersar, entre gritos selvagens, num alarme que parece feito por indios, todos esses vendilhões que são uma suja e desconchavada caricatura de um commercio ambulante — que não existe... Apenas se quedam, indiferentes ao panico selvagem, arrumados às paredes, os livreiros improvisados; imoveis sobre os cestos as vendeiras de flores, negligentes, malcriadas, sem o charme das parisienses e sem a graça das sevilhanas; ficam tambem os carros dos bonés, que ao mesmo tempó mercam agulhas e alfinetes...

Refugia-se o lisboeta no café proximo. E tarda pouco que lhe surja um chinês alvar, estupidamente risonho, oferecendo, sem falar, porque nada sabe dizer senão uma

quantia em *secudöss*, umas quinquilhas que vieram da Alemanha, dessa Alemanha que tudo inventa e fabrica, e parece ter inventado e fabricado estes orientais de importação. E, logo, a seguir, um sujeito bamboeante, de rosto inexpressivo, porventura analfabeto, insinuando em voz cavernosa a aquisição de obras de Julio Denis, Fialho de Almeida, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, livros muito bons e baratos...

Só não voltam mais a mulher da fava rica ou as vacas leiteiras — porque se foram por uma vez, da circulação citadina. Desapareceram os «barquilleros», que semelhavam marcos postais a deambular, e os cruzadores de amendoim, sempre de caldeiras acesas, tambem deixaram de fazer o cruzeiro das ruas, por haverem sido, supomos, entregues aos T. M. E....

Tudo se vai, sem deixar grande saudade, mas não ha forma de acabar com o aspecto miseravel e primitivo do nosso commercio ambulante. E quando a policia vai à cominhão é que se lembra da decencia, perseguindo os vendilhões para tranquilizar o comerciante ganancioso e estúpido que, numa loja proxima, expõe artigos que teem o preço das ladroceiras...



Sapateiro remendão ambulante em Berlim

Ah! lisboeta! que bom seria, se pudessemos ir a Berlim beber um capilé sem poeira, e dar um salto a Paris para comprar um raminho de violetas!...

Não devemos nunca contrariar um ideal: mas apresentar outro mais puro, mais elevado, mais espiritual.

AMIEL.

Em matéria de bem, a inveja faz-nos sempre parecer que o do próximo é maior que o nosso.

FRANCISCO DE SALES

VIDAS AGITADAS

HOMENS E FACTOS

LUIISA MICHEL

O passado não conseguiu ainda ofuscar a extraordinária personalidade de Luisa Michel. Se a morte pôde aniquilar a mulher, não extinguiu a influencia espiritual da «boa Luisa», da revolucionaria tão querida do povo, da anarquista que deu toda uma vida, e a tornou valiosa, numa luta esforçada e constante contra as tiranias.

Evoca-se Luisa Michel das horas agitadas, mas nunca se fala do seu nascimento, da sua existencia, de qualquer das suas particularidades — Luisa Michel é figura que assombra a multidão, uma alma que carinhosamente embala o espirito que de todas as tutelas se quiere libertar.

Ao generoso caracter de Luisa Michel horrorizavam os dominadores, toda a expressão social e pessoal da autoridade. Na sua juventude acalentou ideais de fraternização e, ao mesmo tempo que ensinava a lér as crianças do bairro parisiense de Batignolles, habitado por operarios, absorvia-se na prègação de revolta contra o brutal jugo napoleónico do segundo imperio.

As conjuras contra o desgraçado e inutil abencerrage napoleónico tiveram em Luisa Michel uma audaz e persistente coooperadora. Depois, continuou na luta por ideais de liber-

dade, não discernindo os homens da republica dos homens do imperio; todos eram brutais dominadores.

Não teve limites o seu ardente proselitismo. Odiava a autoridade, o poder, a propriedade, e amava os oprimidos, os trabalhadores, os fracos. E confundia estes dois sentimentos contrarios na febril propaganda do ideal libertario. Escreve artigos, faz discursos, vai onde pode atirar á multidão o seu apelo vibrante e rebelde.

O seu heroísmo foi formidável. Durante a resistencia homérica da Comuna, combateu nas barricadas, sendo uma vez ferida, mas voltando depressa á luta. Foi combatente e foi enfermeira, pois cuidou acrisoladamente dos que caíam feridos. Vencida a Comuna, Luisa Michel emigrou, voltando, porem, ao saber de acusações que formulavam contra sua mãe, para desafiar os juizes a que a

condenassem, a si; e quando os juizes lavraram sentença atirando-a para o degredo, Luisa gritou: — «Apenas! Sois cobardes, cobardes que não tem a coragem de mandar que me assassinem!»

Nove anos decorreu Luisa Michel no presidio. Veiu uma tardia anistia, e a incansavel revolucionaria voltou á sua propaganda, reencetou a sua acção aguerrida. A

policia perseguiu-a sempre, e algumas vezes a arremessou para o carcere.

Uma vez, cooperou na forçada distribuição de pão aos desempregados, durante o ano de 1883. O seu chamamento foi admiravel: «O pão será só para vós! Condenada a seis anos de carcere, por haver cometido este grandioso acto, Luisa Michel foi outra vez anistiada, três anos depois.

No primeiro de Maio de 1891, em Viena de Austria, para onde emigrara por saber que a policia francesa queria interná-la num manicómio, Luisa Michel, com outros anarquistas austriacos, impeliu aos seus lugares inumeros operarios textéis que os patrões haviam reduzido á miseria:

— «Tomai tudo isto, que é vosso. Pertencem-vos os tecidos, que haveis fabricado. Recuperai o que vos roubam!»

Voltou, enfim, a França. E no Havre, quando falava aos operarios, um fanatico desfechou-lhe varios tiros. Perigosamente ferida; ainda teve forças para defender o agressor do risco de violento castigo que os operarios lhe queriam infligir. E defende-o depois, perante os juizes, numa soberba e arrojado afirmação do seu ideal.

O nome de Luisa Michel ecoava no mundo — chegou até nós. Pinheiro Chagas, escritor de gosto e pedantaria aristocráticos, insultou-a grosseiramente, com o grosseirismo que não teria um plebeu, num jornal conservador de Lisboa. Apesar de estar longe, Luisa Michel foi desafortada. Um anarquista português, Manuel Joaquim Pinto, exigiu a reparação, e como lhe fosse recusada, agrediu violentamente, á bengalada, o odioso insultador. Este gesto causou horror e medo aos burgueses daque



Luisa Michel

le tempo — que bom tempo!... — e Manuel Joaquim Pinto foi condenado, apesar da notável defesa que dele fez o advogado Eduardo Maia.

Luísa Michel também desenvolveu um intenso esforço mental. Além dos seus artigos, escreveu novelas e poesias, um livro sobre a Comuna e as suas Memórias.

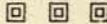
Morreu em Marselha, surpreendida numa digressão de propaganda. Contava então 71 anos — formosa idade de proselita — pois nascera em Troyes, no ano de 1833. A sua morte foi deveras sentida pelo operariado de todos os países. Por sua morte, foi dirigido ao povo de Paris o seguinte manifesto :

«Morreu Luísa Michel! Admirável de abnegação e de heroísmo, foi uma figura excepcional, honrando a humanidade. Nesta época de decomposição social, de desenfreado comodismo, de frio egoísmo que não poupa os novos á gangrena, Luísa Michel atinge os 70 anos com a aureola de ardente evangelizadora da emancipação social. Ela encarnou e sublimou todo o Belo Humano: a generosidade, a bravura, a abnegação tudo realçado pela mais nobre simplicidade. Durante o império, ainda muito nova, foi a educadora desvelada dos filhos do povo e o seu nobre coração acarinhou sempre os desgraçados. Professora diplomada, pôde começar a compreender como as

alegrias dos ricos são tantas vezes ligadas às desventuras dos pobres. E colocou-se a par dos lutadores contra o cesarismo, querendo destruí-lo, idealizando uma sociedade melhor.

Nas horas sombrias de 1870-71, Luísa Michel foi enfermeira nas ambulancias, cuidando dos feridos sem ter o receio da metralha, e quando a reacção versalhesa quiz estrangular Paris, empunhou a espingarda e combateu nos fortes de Issy e de Moulinaux, e nas barricadas, em defesa do direito social e da liberdade. Quando os fusiladores vitoriosos fizeram de Paris um enorme campo de carnagem, podia essa mulher valente fugir, como outros o fizeram; sabendo, porém, que sua mãe fôra presa como réfens, logo se apresentou á prisão. Esbofeteou os juizes, nos conselhos de guerra, com as suas respostas cheias de coragem e dignidade».

Ao funeral de Luísa Michel assistiram duzentas mil pessoas. Admirável solidariedade do povo! E' que Luísa Michel fôra, e continuou sendo na posteridade, um inextinguível exemplo de idealismo e de fortaleza, envergadura gigantesca de revolucionário — personalidade como outra não é possível formar-se ante a cobardia do nosso tempo, ante a banalidade e ausencia de cerebração de tantos supostos proselitos de um novo mundo...



SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL

COMO INTROITO

ORIGEM E NATUREZA DAS SUPERSTIÇÕES. — ADVINHAÇÃO EMPÍRICA DO FUTURO. — OS

ESCONJURO E AS PRAGAS. — OS MALEFÍCIOS E A TERAPEUTICA PARA CURAR ENFERMOS.

O estudo das superstições está ainda por fazer. A tal respeito contenta-se cada qual com dizer que o termo deriva de um verbo latino que significa *subsistir, sobreviver*.

Conclue-se muito lacónicamente que as superstições são meras sobrevivências do passado, em muitos casos apenas grosseiros vestígios de um subsolo selvagem sobre o qual se fundaram as várias civilizações, já desaparecidas umas, ainda em plena florescência outras.

Este escasso e muito genérico conhecimento não basta, porém, no actual estado em que o progresso nos colocou.

Muito importa ao povo, em geral, e à sciência muito especialmente, conhecer a origem e fonte das superstições, a sua natureza, o seu significado, o porquê das suas explicações empíricas e dogmáticas.

Elas têm origens as mais diversas, que só um estudo cuidadoso permite delimitar.

Assim geográfica ou historicamente consideradas, entre nós encontram-se superstições de origem caldaica, árabe, egípcia, teutónica, grego-romana e slava, além de uma infinidade de muitas outras que nos vieram das tribus bárbaras ou selváticas das regiões coloniais com as

quais durante bons quatro séculos temos vindo a ter relações políticas e comerciais.

Sob o ponto de vista da sua utilidade, os retrógrados, os reaccionários e os maus, e também os clarividentes, os advinhos, as bruxas, as mulheres que deitam cartas e semelhantes que se dizem profissionais, fazem das superstições os usos mais variados.

No vasto cortejo das superstições que temos de há muito vindo a colher e estudar, encontramos-las para proferir de remédio a todos os males.

Há superstições com que se adivinha o futuro, tanto em relação à longa vista dos mais complicados desenvolvimentos da política internacional, como para saber das intrigas de amor, adivinhação de mortes, roubos, felicidades ou infortúnios.

Já no século XV o povo português dava forma de adágio a uma receita para ter fortuna :

Horta sem água,
Casa sem telhado.

Numa generalização mais larga, continúa o povo a dizer que — o que o berço dá, a tumba o leva — assim

aludindo a um fatalismo doentio que muito se prende com a suposta fatalidade dos horoscopos, buena-dichas, e outras adivinhas semelhantes.

Ainda modernamente é uso dizer e crer que quando as batatas grelam, crescem os bens em casa.

E quantos mais exemplos poderíamos aduzir, se não reservassemos essa curiosa e interessantíssima tarefa para o seu logar mais adequado!

Também se encontra nas superstições a forma de imprecação e esconjuuro.

No processo da Inquisição de Evora contra Luís da Penha, acusado de feitiçaria e curandeiro (*) lê-se que lhe foi encontrado um papel com as palavras de conjuração das cartas de tocar, que aqui reproduzimos por curiosidade:

«... em que mete a Deus padre e a virgem Maria e todos os apóstolos e santos e santas da côrte do céu, e com êles juntamente Diabos e santa Leona e santa Trebuca e santa Maruta e Montenegro e seus irmãos e companheiros e que êstes levarão as cartas e as-esconjuração e por poples, e por poples, e por poples lhe diga o seu coração e a pescadeira e banqueira e a Diaba, e que morram por êle todos os que com elas fazem tocados, e todos estejam a seu mandado, e lhe dêem o que tiverem e lhe pedir, e lhe digam o que souberem.»

Continuam em uso publicamente em todos os povos do mundo as chamadas — pragas — que nada mais são do que imprecações ou esconjuros fundados na crença espiritos malévolos e poderosos.

Quanto mais rudes são as profissões, ou quanto menos culto um povo é, tanto mais freqüente uso faz desta forma de esconjuuro.

E' por isto que tão freqüentemente se ouve empregar frases como estas:

— Diabos te levem!

— Maus raios te partam!

Não são estas estas expressões ordinárias nem insolentes como já temos ouvido os privilegiados da vida chamar-lhe, mas a resultante de um estado de espirito ainda retrógrado ou insuficientemente ilustrado.

Depois veremos as responsabilidades que à Igreja Católica cabem em tudo isto e a razão por que ela consente sem o menor protesto a intervenção dos seus símbolos, santos e mitos no contesto das superstições.

São muito usuais as superstições empregadas como malefício. Estas têm sempre provado serem perigosas porquanto empregam plantas às vezes bem venenosas e certas beberagens que ora endoidecem, ora matam.

Receitas destas há, porém, inofensivas e que chegam a provocar já hoje o desdém.

Ainda há, contudo, quem acredite que para fazer mal a uma pessoa, apanha-se um sapo e criva-se-lhe a cabeça de alfinetes. Todas as dôres que o sapo sentir, intende-se que as sentirá iguais a pessoa a quem se quer fazer mal, até que virá a morrer.

No articulado 17.º do já citado Libelo de Luís da Penha, lê-se uma curiosa receita para fazer mal, com intervenção religiosa e uso de palavras cabalísticas em verso.

Esta receita, deveras complicada, manda dizer três Evangelhos em três sextas-feiras com uma carta de tocar,

a qual depois deve ser metida debaixo da terra outras tantas sextas-feiras. Decorrida a imediata sexta-feira, deve tocar-se na carta depois do meio dia, bem como na segunda-feira seguinte antes que saia o sol, pronunciando-se as seguintes palavras:

«A's, barrabás,
á pessoa que quero,
por mim virás e farás
o que a mim me praz.»

E' em seguida a toda esta fantástica prática que a carta de tocar servirá, e no dia em que houver de usá-la, deve o exorcionista dirigir ao primeiro sêr que vir — pessoa ou animal inferior — as seguintes palavras:

«Com Deus te vejo,
com cinco te encanto,
o sangue te bebo,
e o coração te parto.»

Não encerraremos êste preâmbulo sem aludir às superstições populares empregadas como terapeutica para curar enfermos:

«Quem bebe água antes do almoço
Chora antes do Sol pôsto.»

E também:

«Cabeça para o nascente
E pés para o poente,
Viver eternamente.»

As dôres de cólica, segundo uma crendice popular, podem curar-se untando a barriga com azeite e esfregando-a em seguida com um pano de lã suja, que por último deve colocar-se sobre o umbigo, ou também bebendo-se água com azeite quente, contanto que em seguida o que sofre se deite para baixo com os pés para o ar.

Na terapeutica das superstições há remédio para inflamação, escrófulas, caroços, engorgitamentos, espinhela caída, dôres nas mãos, nos pés, nos braços, em toda a parte...

Aqui ocorre, porém, perguntar a que vem em todas estas receitas, casos e adágios das superstições que por incidente temos citado, a intervenção das batatas greladas, das cartas de tocar, dos sapos e dos alfinetes?

Qual é a determinante mágica que faz escolher a lã suja e não a limpa no uso das superstições?

Que tem o antes ou o depois do meio dia?

Que razão há para a preferência malévola concedida às sextas-feiras, para considerá-las dia aziago?

Depois o diremos.

Ladimau e Patath

(*) Torre do Tombo — maço 841 — N.º 8179.

SONHO DE UMA NOITE DE INVERNO

CONTO DE EDUARDO FRIAS

Depois... Mais nada!

Subitamente cessara tudo, numa brusca mudança de cenário, de sensações, como se o chão se tivesse aberto, e êle fosse caindo, caindo sempre, arrebatado para um mundo desconhecido.

Desapareceram as ruas luminosas, repletas de montas tentadoras, e os *trottoirs* faiscentes, batidos pela chuva e pelas clareiras luzentes dos automóveis.

Já não havia casas, nem janelas iluminadas, onde a chuva, vergastando as vidraças, tornava mais apetecível o tépido conforto do lar, reunido à volta de perfumadas iguarias...

Tudo desaparecera! O mundo agora era outro!

Até há pouco, êle passava nas praças públicas, esgueirando-se como uma sombra, colado aos portais, bebendo de sono, tonto de fome, receoso de ficar esmagado nas rodas dum automovel, porque o cansaço, a fraqueza, alteravam-lhe a visão, e como um sonambuloso, êle marchava automaticamente, inconscientemente.

O seu olhar entontecido pela fome, não distinguia a forma nem a côr. O sono atormentava-o, interrompendo-lhe a marcha e arrancando-o subitamente à realidade, despertava-o para um aglomerado confuso de sombras e clareiras de luz, que tomavam formas fantásticas de alucinação.

A sombra de uma árvore afigurava-se-lhe um ajuntamento, uma multidão parada, estupidamente silenciosa. O círculo luminoso dos globos electricos pareciam-lhe enormes poças de água, lagos, e de tal forma esta sucessão de imagens bailava no seu espirito vacilante, que tropeçava, dava passos largos, ou curtos, saltava, caía, como se transpuzesse todos os obstáculos que a fantasmagoria da noite representava ante os seus olhos sonolentos, febris.

Súbito, tudo desapareceu.

O mundo como que fugia dêle.

Os prédios como que desengonçados, dançavam, chocavam-se, ameaçam desabar, depois começavam desfilar numa correria louca, como se as próprias fachadas, as portas, as janelas, não o quizessem encarar.

O bailado das casas, esta fuga vertiginosa das habitações, era de tal modo entontecedora que êle recordava-se agora, vagamente, de ter caído, fechando os olhos para não vêr, para atenuar a violenta dôr de cabeça que o prostrára.

Onde se encontrava?

Não o sabia. Os prédios continuavam fugindo. Uma multidão enorme corria açodada, levando às costas, debaixo dos braços, pacotes de comestíveis.

Quiz gritar e não tinha forças. Entrou a invadi-lo o pavor de ficar só, nesse deserto imenso, porque sentia, observava, que tudo fugia dêle, até as ruas, porque os pavimentos andavam, dançavam como os prédios.

Foi o pavor da solidão o único terror que o impeliu a gritar, porque a fome, o sono, já não o torturavam. Como? Não o sabia. Depois de ter caído, cessara tudo. e não compreendia nada, porque não se lembrava de ter

comido, de ter passado pelo sono, ainda que de pé. Depois da queda ignorava tudo.

Sabia apenas que se encontrava inexplicavelmente só, num deserto imenso, onde não chegava o menor rumor da vida, e onde talvez acabasse de morrer, longe de tudo como leproso.

E foi então que os seus ouvidos adivinharam uns passos, uns passos que vinham ao seu encontro, como um bater de azas.

Quem seria? Quem poderia lembrar-se dêle, o miserável que não tinha casa, e que estava condenado a morrer de fome numa noite de tempestade, caído, abandonado, de cabeça ensanguentada, aberta de encontro à valeta.

E viu um vulto branco, diafano, um vulto elegante de mulher, trazendo uma foice como uma pastora banhada de luar.

Esfregou os olhos e recordou-se da sua infância, quando sua mãe, à lareira, lhe mostrava umas estampas em que a morte vinha com a sua foice, ceifando vidas para as levar para o Inferno ou para junto dos anjos no Paraizo.

E não teve medo.

Julgou viver a sua infância, e pareceu-lhe inverosimil aquela aparição. Sentiu-se feliz; imensamente feliz, porque afigurou-se-lhe aquele momento, uma inocente, uma carinhosa brincadeira de sua mãe para lhe meter medo, e lhe ensinar a compreender o Paraizo.

Quiz levantar-se, contente, reconfortado, e ir ao encontro das pessoas que deviam estar escondidas, para o verem medroso com a brincadeira, e entre essas pessoas devia estar a sua mãe, e talvez o seu avô, com uma rica merenda.

Mas o vulto que figurava a morte, avançou para êle, e então êle via mais alguma coisa que a roupagem dum símbolo. Era a própria morte, real, tal como lha tinham pintado em pequenito. Finalmente ela existia assim mesmo, como nas estampas, com uma diferença...

Não metia pavor. Era como nas gravuras um esqueleto, mas a caveira animava-se em sorrisos meigos, e dos seus membros evolava-se uma sensação de ternura que precede o abraço da franca e comovida amizade.

Além disto, a morte cantava e falava uma linguagem acariciadora, como êle nunca tinha ouvido em toda a sua vida.

Pela primeira vez, na sua miserável existência, viu diante de si, alguém que o cumprimentava com deferência, e ainda mais: alguém que inquiria da sua felicidade, das suas dôres.

— Então como passa meu bom amigo? Desculpe não lhe ter aparecido há mais tempo, mas como deve compreender, tenho tanto que fazer. A Humanidade não faz outra coisa senão chamar por mim.

E abrindo-se em confidências depois de se sentar junto dêle:

— A's vezes chego a revoltar-me contra a estupidez da

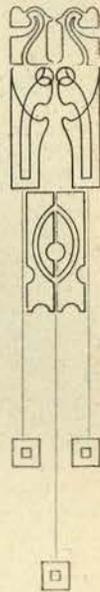
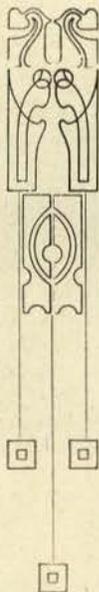
humanidade, que parece só existir para me marcar *ren-dez-vous*. Não teem mais nada que fazer...

«Tem pensado muito em mim? Tem, sim, que eu sei, mas eu perdôo e compreendo. Se não o procurei ha mais tempo, é porque tenho medo de si, sabe? O meu amigo é um homem forte. Esfomeado, sonolento, resiste à tentação de me procurar. Pensa em mim, mas espera que

não preciso de nada. O teu sorriso, as tuas palavras e não quero mais nada...

A morte levantou-se, e ele preso ao chão, não podia erguer-se. A morte afastou-se e ele não poudo acompanhá-la.

— Vai comer! Vai vender a foice. — Dizia a morte distanciando-se mais.



A morte afastou-se e ele não a poudo acompanhar...

eu venha ter consigo... Caprichoso! Os desgraçados como você teem muito orgulho... Não diga que não! Estava aqui sósinho, sem ninguem que lhe pudesse valer, e ainda não foi capaz de me dizer que tem fome.... Não me acha competente de o auxiliar? Injusto! Pois vou-me embora, mas para lhe provar a minha grande estima, deixo-lhe aqui esta foice, como recordação. Se estiver aflito, pode vendê-la, arranjar dinheiro para entrar num restaurant e alugar uma cama. E agora? Ainda não acredita em mim?

Ele estava mudo de comoção. Nunca ninguem lhe havia falado assim. Nunca tivera um sorriso, uma palavra amiga.

— Ó morte! Ó minha querida amiga. Tão tarde te conheci! Porque não vieste mais cedo!...

— Deita-te de fantasias, vai comer, vai dormir, porque tens fome e sono,

— Não! não quero! Vendo a foice, e depois? Julgas que isto me basta? Comer um dia, ter cama por uma noite e depois a mesma vida sem um carinho! Ó morte!... Ó minha boa amiga! O que eu queria, agora que te conheci, era andar contigo, sentir a cada instante a tua jovial, a tua carinhosa presença, Não me abandones. Ao pé de ti,

Ele fazia violentos esforços para se levantar: e gritou

— Não quero! Não quero. Deixa-me ir contigo...

— Não quiere o quê? O que é que você não quiere? — interrompeu uma voz, que o despertou do seu sonho...

Era um polícia. Encontrou-se estendido, enlameado, num portal.

— O que é que você não quiere?

— Não sei! Tenho fome...

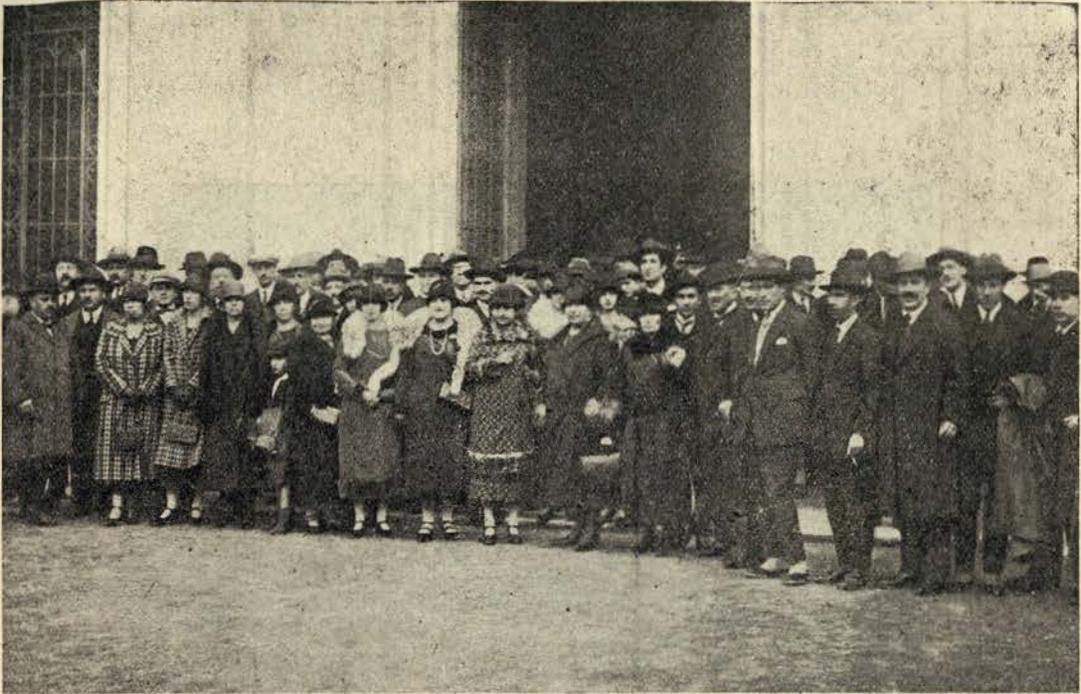
E entrou a bater o queixo com frio, a olhar o guarda, bebado de sono, até que deixou cair, novamente as palpebras, indiferente à vida, aos automoveis dos ricos, ao calabouço onde o esperavam outros desgraçados...

EdUARDO F. A. S.

Desde que um pensamento verdadeiro entra no nosso espirito, lançou nele uma luz que nos faz ver uma multidão de outras coisas que antes disse não viamos.

CHATEAUBRIAND,

ACTUALIDADES,



Efectuou-se ultimamente o Congresso Pedagógico dos Professores Primários, no qual, além dos assuntos de classe, apenas se debateram questões exclusivamente materiais, não tendo havido uma incisiva declaração de princípios, posto que o congresso se mostrou estranho a todo o ideal.



Nos terrenos do Parque Eduardo VII realizou-se no dia 10 do corrente, por iniciativa do Partido Socialista a fim de se protestar contra os escândalos da alta finança. O comício foi bastante concorrido e fracamente aproveitado pelos seus organizadores, tendo falado os srs. Amancio de Alpoim, Sobral de Campos e Augusto Dias da Silva.

A NOVA POLÍTICA ECONÓMICA DA RÚSSIA

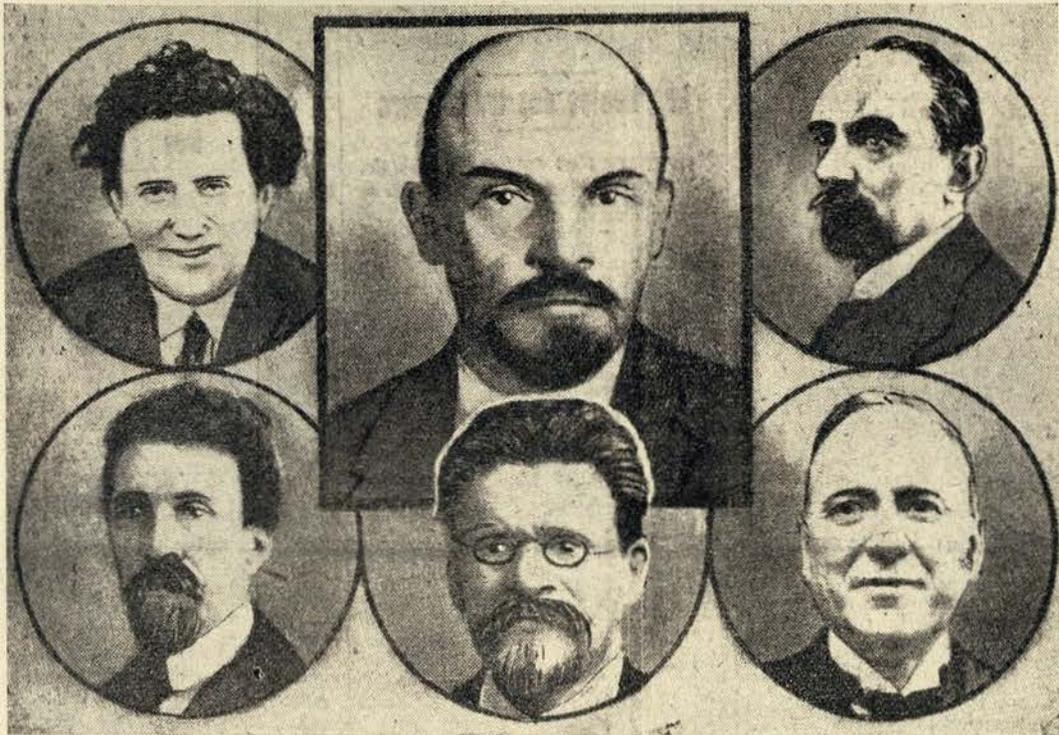
Decorria a primavera de 1921.

Três e meio anos haviam já passado sobre o momento decisivo em que as populações de Petrogrado e de Moscovo, insurreccionadas, puzeram termo ao governo fraco de Kerensky e dos oportunistas que queriam manter a guerra e a subordinação ao imperialismo ocidental transformando o czarismo numa república burguesa e parlamentarista.

Inicialmente idealista, como todas as revoluções feitas pelo povo, a revolução russa nacionalizou as indústrias, pôs as grandes fábricas e oficinas sob a gerência operária, encarregando-se o Estado do abastecimento de mate-

Foi neste regime que a Rússia viveu três anos e meio. Mas ao mesmo tempo ela sustentava a guerra em oito frentes de batalha diferentes contra quatorze Estados da Europa e da Ásia entrando nestes os mais poderosos: primeiro a Alemanha, em 1918, depois a Inglaterra, os Estados-Unidos, a França e até o Japão que foi o ultimo a ceder Vladivostock no Extremo Oriente.

Durante este tempo a população russa, cercada em todas as fronteiras, sem poder manter relações comerciais fosse com quem fosse, tendo a produção baixado a 12 por cento apenas do que era anteriormente, a população russa, dizíamos, foi largamente dizimada pela fome e pela



Alguns dos principais políticos do regime soviético
Ao alto, da esquerda para a direita: Zinoviev, Lenine, Tchitcherine; em baixo: Rikov, Kalinine, Rakovski

rias primas, dos abonos para gastos gerais e conservação do material industrial, bem como da colocação dos produtos. Não havia distinção para o efeito de remuneração. Cada produtor, simples servente, engenheiro ou director, todos recebiam um quinhão idêntico. O comércio era exclusivamente feito pelas cooperativas, que se tornaram um regime obrigatório, e também pelos armazens do Estado. Na agricultura, o camponês, o usufrutuário da terra, era obrigado a entregar ao Estado o excedente da colheita que não fosse destinada ao consumo próprio. A par dos camponeses em trabalho isolado havia inúmeras comunas criadas espontaneamente logo a seguir ao acto revolucionário que destituiu Kerensky.

Eis os traços característicos do regime económico inicial seguido pela revolução russa a que se chamou *Comunismo de guerra*.

miséria extrema. Dias e dias não entrava nas cidades um saco de trigo ou de centeio. Fez-se pão das matérias mais diversas. A higiene era verdadeiramente apavorante. Não se produzia sabão. A maior parte da população cobria os corpos com andrajões fétidos onde os parasitas polulavam.

Uma tal situação era insustentável e ela criou o ambiente para a revolta de Cronstadt que ameaçou a revolução seriamente. Mas quem mais se irritava contra tal situação eram os camponeses. Eles não podiam admitir que o Estado requisitasse o excedente das suas colheitas embora estas fossem para alimentar os operários da cidade que laboravam nas oficinas e os soldados que combatiam desde a Finlândia até ao Cáucaso e ao lago Baikal na defesa das conquistas da revolução.

Foi na primavera de 1921 que esta irritação subiu ao extremo. Havia que mudar de rumo sob a pressão das

circunstâncias. E o Congresso dos Sovietes aceitou a Nova Política Económica que foi, incontestavelmente, um grande recuo político da Revolução.

Em que consistiu a Nova Política Económica?

Nas relações entre o Estado e os camponeses desapareceram as requisições, os tabelamentos, o monopólio de comércio dos cereais pelo Estado. Os camponeses dispõem livremente dos seus produtos e pagam ao Estado um imposto.

Na indústria manteve-se a nacionalização das grandes fábricas mas organizaram-se os «trusts» com administração autónoma. Foram encerradas as fábricas que não tinham condições de produção económica e surgiu o problema do desemprego. As pequenas fábricas foram arrendadas aos particulares que quisessem explorá-las mediante certas garantias. Constituíram-se sociedades com capital misto, isto é, do Estado e dos particulares. Fizeram-se concessões de explorações a capitalistas estrangeiros. Veiu, enfim, a remuneração do trabalho segundo o mérito profissional. No comércio, embora o Estado mantivesse

os seus armazens e afoitasse as cooperativas, o regime cooperativista deixou de ser obrigatório e restabeleceu-se a liberdade do comércio. Em todos os outros serviços — transportes, bancos, teatros, hotéis, etc., surgiram as fórmulas de aparência capitalista.

Sob o ponto de vista socialista a adoração da Nova Política Económica significava uma retirada em forma. Fora a guerra civil que impulsionara a nacionalização atrabiliária das indústrias, por necessidades políticas. O seu prolongamento, di-lo Boukharine, seria a perda da revolução, tal era a baixa catastrófica da produção assinalada no período do comunismo de guerra.

A orientação e cultura colectivista dos políticos bolchevistas e à falta de preparação educativa revolucionária do camponês russo, se deve que da revolução social iniciada reste apenas hoje, na Rússia, uma democracia que apenas difere das democracias ocidentais no ideal que a norteia e no esforço que emprega em glorificar o trabalho e dignificar o trabalhador.

O MUNDO CURIOSO

O monograma como assinatura imperial

O imperador Carlos Magno não sabia escrever, tendo por isso de recorrer a um monograma, segundo refere o cronista Eginhard, para autenticar os seus decretos.

Os reis brancos do segundo ramo, assim como os bispos e grandes senhores daquele tempo não assinavam de outro modo, procedendo diferentemente os papas.

O direito de assinar com o monograma foi por longo tempo reservado aos soberanos e príncipes, mantendo-se nas actas publicadas em França até ao século XIII e na Alemanha até ao XV, sendo Filipe o atrevido o último rei que assim firmou os documentos oficiais.

O autógrafo de Fernando o Católico, que é impossível de decifrar e com este o de Henrique III de Inglaterra; de Luiz XIV de França, do Grande Capitão, do príncipe D. João de Austria, filho de Filipe IV e de outros, que representavam ou patas de mosca ou uma série de riscos entrecruzados. Não sabiam escrever.

A assinatura de cruz para os analfabetos é muito antiga, carecendo em todo o caso da valorização da firma das testemunhas.

As águas termais de origem divina

No Vichy francês, recentes escavações descobriram uma considerável quantidade de pedaços de sílex ou pedreira lascados, levados para ali desde tempos remotos por enfermos agradecidos ao génio do manancial.

Foram mais tarde substituídos por esculturas de bronze representando partes do corpo humano: troncos, pernas, que eram *ex-votos* pelos quais os doentes invocavam a cura da parte do seu corpo que se sentia mal.

As povoações primitivas viam, nas virtudes benéficas das águas na influencia divina. Ao calor do sol e ao calor das águas, brotavam os mananciais, confirmando-lhes a opinião de que a intervenção dos deuses era a base da elevação das temperaturas.

Os Valdenses

Os Valdenses formaram antigamente uma seita celebre a que Pedro Valde deu o nome. Sustentavam que todos os homens, ainda que não fossem ederinticos, estavam autorizados a prégar o Evangelho, consagrar a Eucaristia e absolver os pecados; que o baptismo e a confirmação não são mais que cerimoniaes exteriores e que o culto dos santos é pura idolatria. Queriam a reforma da

disciplina do clero e a restauração da primitiva Igreja. No mais, não admitiam o misticismo dos albigenses e os seus costumes eram muito puros. Os *Valdenses* só existem actualmente nos ovaes do Piemonte, em numero de uns quinze mil e possuem dez igrejas.

A idade do motor

A produção de automóveis atinge, nos Estados Unidos, cifras verdadeiramente fabulosas, e em constante aumento.

Durante o primeiro semestre de 1924, a América fabricou 1.777.534 automóveis, e nos primeiros seis meses de 1925, 1.856.491. A produção de *camions* é igualmente assombrosa; na primeira metade de 1925, atingiu quasi 250.000.

Com uma tão grande, mesmo exagerada, produção, é natural que a venda destes veículos represente uma séria dificuldade para as fábricas. Por isso, a esta indústria se juntou uma outra, verdadeiramente americana: a industria do anúncio. Os fabricantes não querem saber de despesas; querem que os seus carros se vendam, e para isso recorrem aos reclamos mais extraordinários; deixar de vender é falir irremediavelmente, e é isso que eles procuram por todos os meios evitar.

Mas se uma tal produção se mantiver, dentro em pouco será excedido o número de habitantes dos Estados Unidos pelo dos autos postos em circulação pelas suas centenares de fábricas, — e assim terão os diversos Fords da grande república de esperar que nasçam mais alguns milhões de *yankees*, afim de lhes collocarem junto dos berços meia duzia de carros, para elles escolherem a vontade...

O sonho de Gutenberg

A maior rotativa que actualmente existe é a que funciona numa officina de Augsburgo. Esse gigante produz 250.000 exemplares de dezasseis páginas, por hora. A força motriz é-lhe fornecida por sete motores principais e trinta e sete motores auxiliares.

Os jornais, depois de impressos, são transportados automaticamente pela própria rotativa á sala de expedição.

A máquina propriamente dita pesa duzentas e quarenta toneladas, mede quarenta e dois metros de comprimento e quasi cinco metros de altura.

Dê Gutenberg para cá, das letras de chumbo da officina de Nurenberg ás modernas «linotypes», do prelo de madeira do primeiro impressor á máquina de Augsburgo, que distancia enorme conquistou o Progresso Humano!

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos :

Almanaque de A Batalha para 1926. Não agradando certamente a toda a gente o que não lograria mesmo que fosse a nossa maravilha do mundo — é o melhor que em almanaques de propaganda se tem feito entre nós pois os que tem aparecido são colectaneos de artigos de propaganda e de doutrina, de almanaque tendo apenas o titulo. O Almanaque de *A Batalha* é um almanaque. Contem a parte de calendario indispensavel em publicações deste genero e é ao mesmo tempo o anuario do movimento operario. Anuario não dizemos bem, pois o Almanaque de *A Batalha* para 1926, sendo o 1.º ano de publicação, regista os acontecimentos ocorridos no mundo operario durante estes ultimos sete anos, pela necessidade que advinhamos ter tido de arrancar o passado, para do proximo numero em diante dedicar-se exclusivamente aos factos passados durante os anos que vão correr.

Nas 200 paginas do *Almanaque de A Batalha* para 1926, o estudioso, o militante, o propagandista, encontram inumeras informações de grande interesse. O seu preço é de cinco escudos e os poucos exemplares que já restam encontram-se á venda nesta administração.

O meu crime, novela de Armando Ferreira, editada pela *Portugalia*, R. do Carmo 75, Lisboa. Jornalista, escriptor humorístico, crítico e autor dramático, Armando Ferreira é também um novelista de sentimento e imaginação. *O meu crime* é uma novela em que estas duas qualidades predominam, pelo que se lê com agrado. Não é esta, porem, a obra que esperamos do seu fino espirito de pormenorizado analyse dos ridiculos dos homens e das coisas. Quando nos dará Armando Ferreira o grande romance de critica aos costumes e ideias da sociedade portuguesa? Os costumes da sociedade em que vivemos os *tipos* da nossa epoca já não são os mesmos que Gervasio Lobato perfilou e immortalizou em *Lisboa em camisa* — no *Grande Circo*. Ha que escrever a *grande feira* de interesses de hoje, a *Lisboa* mas sem camisa dos nossos dias. E que belos *tipos* para immortalizar nos oferecem hoje o republicano historico, o revolucionario civil, o novo rico, o cavalheiro respeitavel, o homem *Inocencio*, inatacavel, o patriota, a opulenta burguesia, o ilustre director do jornal *O balcão*, a mulher masculinizada etc. etc. etc. Parecos que é este genero que Armando Ferreira deve cultivar. Tem graça, sabe traír o ridiculo das cenas, das ideias das atitudes e sem a rebeldia propria que não consente que caminhe na vida ao toque uma varinha qualquer.

Oculos e lunetas. Alguns dados colhidos para a história da sua introdução e desenvolvimento na Europa e nos Estados Unidos da América, por Jorge Boaventura, com prefácio do dr. Costa Santos. Editora. Livraria Central, Avenida Almirante Reis 14 A — 14 C. Esta história dos óculos e das lunetas é uma obra de vulgarização singular e agradável que desperta curiosidade e proporciona conhecimentos interessantes e uteis.

Relojoeiro técnico, o sr. Jorge Boaventura que nos recorda de formar em tempos, no *Germinal* de Setubal os *Clichés inalteráveis* — secção de biografias sociais — é um espirito curioso de investigador.

Bonecos falantes — Contos para crianças por Carlos Selvagem ilustrados por Mamia Roque Gameiro. São três historias infantis de aventuras que interessam os meudos pela fantasia e pela linguagem adequada. A apresentação do livro é magnifica. Letra bem visível e estampas vivamente coloridas, sem complicações cortiniliascas que tornam os desenhos confusos e instéticos. Somos testemunhas do bom acolhimento que lhe dá a petizada. A edição é da importante casa editora Aillaud & Bertrand.

A morte redimida por Ferreira de Castro. Esta novela do nosso ilustre colaborador e amigo faz parte da coleção de pequenos romances da Biblioteca Civilização, do Porto. O assunto da novela é aquele caso de Stanislawia Uniustia que matou o marido, e a pedido deste, para o libertar do sofrimento da terrivel doença. Stanislawia julgada e absolvida recolheu a um convento. O autor da *morte redimida* faz com que a sua protagonista, Berenice, troque o convento por uma casa de saude onde se inscreve como enfermeira, procurando assim redimir, dando vida aos outros, o crime que praticou por amor.

O assunto presta-se para fazer literatura e Ferreira de Castro aproveitou-o admiravelmente como sempre. E' a novela de mais intermitida dramatica para conhecermos do autor das *Sendas de livismo e de amor*.

Jornal da Europa. Vem primoroso como todos os seus números especiais, o número dedicado ao Natal, Ano Bom e Reis. Tudo nele concorre para que seja um número digno de avaramente se guardar na nossa estante: a colaboração literária valiosa e copiosa, a profusão e bela disposição de gravuras e a esplendida apresentação grafica. Ao seu director e editor sr. Estevam de Carvalho, as nossas vivas felicitações.

Ilustração. Publicação quinzenal. Direcção e edição de Aillaud L.ª Embora page aos seus editores e directores (!?) está muito longe de ser esta a revista que se sonha. Má impressão por má qualidade de papel. Pouco interesse de leituras apesar de grande numero de colaboradores, que anuncia publicando-lhes os retratos naquella disposição grafica que a *Nestlé* costuma apresentar as crianças alimentadas com a sua farinha. E se os seus directores é com eles que esperam fazer a revista, desde já lhe garantimos que a *Ilustração* não terá variedade e actualidade de texto nem terá publicação regular. A confecção de uma revista desta natureza não pode ser confiada exclusivamente a intellectuais. Os escritores não fazem artigos sobre tema de oportunidade e quando fazem não lhe sabem dar o *tic* jornalístico a levar muitos dias a partureja-lo. Nenhum gosto na disposição das gravuras grande numero delas a nadar entre claros. A capa seria interessante se não fosse aquele predio americano entre as pernas da mulher. A importante casa editora que lançou a *Ilustração* tinha obrigação de dar ao publico pelo preço 4\$00, coisa muito melhor. E aguardamos que ainda o faça.

Luz en las tinieblas por F. Caro Crespo. Mais uma novela da coleção *La Novela Ideal*, editada por La Revista Blanca, Preço \$50. Pedidos á mesma administração.

La Revista Blanca. O n.º 63 de 1 de Janeiro já se encontra á venda ao preço de 1\$50 na administração da *Renovação*.

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem á vida operaria, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comícios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos, cooperativas operarias etc... etc...

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 »	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	25\$00
Ano	50\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a cores, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA